

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



**Atena**
Editora
Ano 2022

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-970-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.704220702>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa*, reúne neste volume dezessete artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DA CRIANÇA E O PROCESSO DE MATURAÇÃO NO ÂMBITO FAMILIAR E SOCIAL

Weliton Carrijo Fortaleza

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207021>

CAPÍTULO 2..... 9

VIOLÊNCIAS NA ESCOLA: COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL E SUAS REPRESENTAÇÕES EM UMA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA

Ana Paula Serpa Corrêa

Wanderley da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207022>

CAPÍTULO 3..... 21

A PINTURA A DEDO COMO FACILITADORA DO VÍNCULO COM A CRIANÇA AUTISTA

Thaysa Barbosa Gomes

Eduardo Fraga de Almeida Prado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207023>

CAPÍTULO 4..... 43

OS PROCESSOS DE CONFRONTAÇÃO E SEPARAÇÃO NO ADOLESCENTE À LUZ DA PSICANÁLISE

Ana Carolina Venâncio Nascimento

Taynara Prestes Milessi

Suziani de Cássia Almeida Lemos

Daniela Scheinkman Chatelard

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207024>

CAPÍTULO 5..... 51

A PRESENÇA DO ANALISTA NA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE E A APOSTA DE UMA ESCUTA POSSÍVEL

Darla Moreira Carneiro Leite

Karla Corrêa Lima Miranda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207025>

CAPÍTULO 6..... 59

SUICÍDIO, DEPRESSÃO E MELANCOLIA: UMA ANÁLISE DO FILME 'AS HORAS' A PARTIR DA TEORIA PSICANALÍTICA

Tayna Jacintho

Gustavo Angeli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207026>

CAPÍTULO 7..... 76

DETERMINAÇÃO SOCIAL E ADOECIMENTO PSÍQUICO

Tayla Monteiro Queiroz

Lorena Gomes Fonseca

Roberto Willyam dos Santos Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207027>

CAPÍTULO 8..... 84

SCHEMAS, QUADROS E PAPÉIS: ELEMENTOS PARA UMA PSICOSSOCIOLOGIA COGNITIVA DA PERSUAÇÃO

Jair Araújo de Lima

José Jorge de Miranda Neto

Juliane Ramalho dos Santos

Maria Luísa Miranda Macedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207028>

CAPÍTULO 9..... 101

O PROJETO DE CONTROLE DAS EMOÇÕES PELO TRANSHUMANISMO: UMA ANÁLISE PELA PERSPECTIVA DO EXISTENCIALISMO DE JEAN-PAUL SARTRE

Afonso Henrique Iwata Yamanari

Sylvia Mara Pires de Freitas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207029>

CAPÍTULO 10..... 110

IMPACTOS DA NECESSIDADE DE ACEITAÇÃO SOCIAL SOB A PERSPECTIVA DA TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL

Fabio Rodrigues dos Santos Ferreira

Yloma Fernanda de Oliveira Rocha

Ruth Raquel Soares de Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070210>

CAPÍTULO 11..... 120

BENEFÍCIOS DA PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Deise Elen Oliveira dos Santos Reis

Jéssica de Castro Oliveira

Ruberpaulo de Mendonça Ribeiro Filho

Victor Saraiva

Ana Clara Costa Abreu e Lima

Jean Silva Lourenço

Welton Dias Barbosa Vilar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070211>

CAPÍTULO 12..... 126

ATENCIÓN Y APOYOS PARA UNA VIDA DE CALIDAD DE LAS PERSONAS CON

TRASTORNOS DEL ESPECTRO DEL AUTISMO (TEA)

Manoel Baña Castro

Luisa Losada-Puente

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070212>

CAPÍTULO 13..... 141

“RITA O PAI SAIU DE CASA E AGORA?”- UMA TÉCNICA TERAPÊUTICA QUE PODE AJUDAR A LIDAR COM A PROBLEMÁTICA DO DIVÓRCIO?

Paula Isabel Gonçalves dos Santos

Joana Cristina Vieira Gomes

Edgar Martins Mesquita

Marta Silva Coelho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070213>

CAPÍTULO 14..... 152

DIVÓRCIO/SEPARAÇÃO: EFEITOS E COMPREENSÃO DOS INDIVÍDUOS DESSE PROCESSO

Andressa Carolayne de Alencar Lima

Myrla Sirqueira Soares

Ruth Raquel Soares de Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070214>

CAPÍTULO 15..... 163

O SENTIDO DA VIDA NA ÓTICA DO PACIENTE EM TERAPIA RENAL SUBSTITUTIVA: ASPECTOS PSICOLÓGICOS ENVOLVIDOS

Valdeci Timóteo Martins

Margareth Marchesi Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070215>

CAPÍTULO 16..... 183

AVALIAÇÃO E INSTRUMENTALIZAÇÃO DE PROFESSORES PARA INTERVENÇÃO EM ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL I COM QUEIXAS DE TDAH

Andréia dos Santos Felisbino Gomes

Luiz Renato Rodrigues Carreiro

Viviani Massad Aguiar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070216>

CAPÍTULO 17..... 192

APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO EM FORMAÇÃO CONTINUADA EM PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA ANTROPOSÓFICA

Elenice Saporski Dias

Tania Stoltz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070217>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 209

ÍNDICE REMISSIVO..... 210

CAPÍTULO 6

SUICÍDIO, DEPRESSÃO E MELANCOLIA: UMA ANÁLISE DO FILME 'AS HORAS' A PARTIR DA TEORIA PSICANALÍTICA

Data de aceite: 01/02/2022

Tayna Jacintho

Acadêmico(a) do curso de Psicologia da UNIFEBE

Gustavo Angeli

Psicólogo, doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia no Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE

RESUMO: O suicídio representa um contexto de sofrimento desmedido e intolerável para o sujeito, que apresenta o desamparo e a impotência pelos quais somos constituídos. Apesar de ser um tema delicado, ainda tratado por muitos como um tabu, dados estatísticos sobre o suicídio apontam para a necessidade da temática ser melhor debatida por nossa sociedade, considerando o crescente número de casos, principalmente entre os jovens. O que levaria uma pessoa a tirar a própria vida é uma das questões levantadas por muitos autores ao se depararem com a notícia do suicídio. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar a depressão, melancolia e suicídio numa perspectiva psicanalítica, a partir do filme 'As Horas'. Conclui-se que, no suicídio, os conflitos inconscientes manifestados na vida adulta são revivências dos conteúdos psíquicos registrados na infância. No caso em questão, a revivência da identificação com a mãe morta teria sido o fator desencadeante do

suicídio de Richard Brown na vida adulta. O filme é incrivelmente rico e capaz de produzir inúmeras discussões a respeito do adoecer do ser humano, do papel, do momento histórico e sociológico e da forma como o sofrimento psíquico é tratado.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio. Depressão. Melancolia. Psicanálise.

SUICIDE, DEPRESSION AND MELANCHOLY: AN ANALYSIS OF THE FILM 'THE HOURS' ON THE PERSPECTIVE OF PSYCHOANALYTIC THEORY

ABSTRACT: Suicide represents a context of inordinate and intolerable suffering for the subject, who presents the helplessness and impotence in which we are constituted. Despite being a sensitive issue and still treated by many as a taboo, statistical data on suicide point to the need for this issue to be best debated by society, if considering the growing number of cases, particularly among young adults. What would drive a person to take his own life is one of the issues raised by many authors when faced with news about suicide. In this regard, this term paper aims to analyze depression, melancholy and suicide in a psychoanalytic perspective, taking as object the film 'The hours'. We conclude that, in suicide, the unconscious conflicts manifested in adult life are reliving of the psychic contents registered in childhood. In the case studied, the revival of identification with the dead mother would have been the triggering factor for Richard Brown's suicide in adulthood. The film is incredibly rich and is capable of producing countless discussions about the illness of human beings, the role of the

historical and sociological moment and the way in which psychic suffering is treated.

KEYWORDS: Suicídio., Depression. Melancholy. Psychoanalysis.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a depressão, melancolia e o suicídio. Desta forma, a partir da análise do filme 'As horas', pretende-se compreender esta temática e seus entrelaçamentos com a clínica psicanalítica. Através de estudos bibliográficos, constata-se que a depressão é um dos transtornos e uma psicopatologia mais discutidas na atualidade, tanto pela manifestação no ser humano quanto pelo número de pessoas diagnosticadas nos últimos anos.

No decorrer do percurso clínico e acadêmico, foi possível questionar a temática depressão, melancolia e suicídio. A partir da vivência com atendimentos na Clínica- Escola e Serviço em Psicologia, a acadêmica se mobilizou a uma escuta de pacientes que tentaram suicídio e, desta forma, a temática emerge da prática clínica e se faz com interrogação e problematizações na presente pesquisa.

O suicídio se encontra presente na história da humanidade, é possível encontrar o ato suicida nas primeiras civilizações até a atualidade. De acordo com Palhares e Bahls (2003), o conceito aparece no século XVII e passou a ser utilizado no ápice do iluminismo, a partir de 1734. Em um período anterior, o suicídio era considerado como um assassinato, homicídio, destruição e morte voluntária, morte de si ou ato contra si. Segundo estes autores (2003), deve levar em conta as influências culturais sobre o pensamento suicida e a passagem ao ato, ou seja, ao longo do processo civilizatório encontraremos uma diversidade de significados e sentidos, como, por exemplo, um ato de honra e de ganho do paraíso. Nesse sentido, faz-se necessário e importante problematizar as tentativas de suicídio e o contexto histórico em que o ato ocorre.

O alto índice de suicídios e depressão, segundo dados da OMS (2016), aponta para a relevância de se estudar essa temática que está mais presente na vida das pessoas do que qualquer outro tema que envolva a sociedade. De maneira geral, pode-se perceber que o suicídio e a depressão fazem parte da história da humanidade, tornando-se um problema de saúde mental.

Na maioria dos países, o suicídio é uma das principais causas de morte, a cada ano, quase um milhão de pessoas se matam em diferentes lugares do mundo, havendo aproximadamente 6 familiares e amigos próximos em luto intenso (OMS, 2016). Conforme Rocha e Lima (2019), após a morte por suicídio de familiar, surgem, nos familiares e amigos, sentimento de culpa, além do desespero e angústia. Segundo a Organização Mundial de Saúde (2017), cerca de 800 mil pessoas morrem por suicídio a cada ano, sendo a segunda principal causa de morte entre pessoas com idade entre 15 e 29 anos. A depressão, atualmente, é uma das muitas queixas abordadas dentro de consultórios

particulares ou, até mesmo, na saúde pública. De acordo com a OMS (2017), a depressão situa-se em 4º lugar entre as principais causas de acidentes, respondendo por 4,4% dos ônus acarretados por todas as doenças durante a vida. Ocupa 1º lugar quando considerado o tempo vivido com incapacitação ao longo da vida (11,9%).

Segundo Campos (2016), a depressão encontra-se na pauta do cotidiano do ser humano, tanto nas discussões feitas por profissionais da área da saúde quanto por pessoas com pouco ou nenhum conhecimento teórico, que se aventuram na realização de diagnósticos sobre o transtorno. Por conta disso, a depressão passa a ser um dos transtornos mais estudados, em virtude do elevado contingente da população que sofre dela e que acaba desenvolvendo sintomas temporários, podendo chegar até a limitações permanentes. A depressão se manifesta em forma de tristeza e apatia, que atingem o sujeito, sendo também decorrente de qualquer estado que desorganize seu pensamento, ou fazendo com que tenha pensamentos negativos. Por isso uma das principais consequências dos pensamentos negativos na depressão, pensamentos esses que cada vez mais frequente e acabam levando o sujeito ao suicídio.

A depressão em psicanálise deve ser compreendida a partir de um percurso no conceito freudiano de melancolia. A obra “Luto e Melancolia” publicado em 1917 permite reflexões e diferenciações em torno do luto, tristeza e de um processo de incapacidade de elaboração de uma perda, denominado por Freud (1917/1996) de melancolia. Neste sentido, depressão se caracteriza pela perda do interesse no mundo externo, já a melancolia teria como marca e delimitação conceitual a perda de si a partir da impossibilidade de um processo de elaboração do luto. A melancolia seria uma psicopatologia narcísica.

Sendo assim, a depressão, a melancolia e o suicídio trazem uma problemática que requer compreensão sobre e produção de estratégias para evitar novas tentativas e o ato suicida. A partir dessa constatação, justifica-se a realização desta pesquisa, que terá como relevância científica a produção do conhecimento, o qual poderá ser utilizado como referencial teórico e metodológico para psicólogos e profissionais de saúde. A relevância deste estudo consiste na importância que o fenômeno da depressão vem alcançando nos dias atuais, sendo alvo de crescente inquietação por parte dos estudiosos sobre o assunto, devido a sua incidência e ao aumento dos índices epidemiológicos, sendo chamada por muitos autores como o grande ‘mal do século’ (VELASCO, 2009; MOREIRA, 2009, ANDRADE; 2013).

Cabe ressaltar, ainda, o interesse dos pesquisadores em contribuir para abolir a negação, o preconceito e o tabu em torno da depressão e do suicídio. Por esta razão, tem-se como objetivo compreender mais sobre a depressão, a melancolia e o suicídio, em uma perspectiva psicanalítica, através da análise do filme “As horas”.

O filme “As Horas” é uma história inspirada em na literatura de Michael Cunningham. A personagem principal do enredo é a escritora mundialmente reconhecida Virginia Woolf, Laura Brown e Clarissa Vaughan. Em distintos momentos temporais as personagens vivem

um sofrimento comum, a falta de um sentimento de pertencimento e apropriação do mundo, tendo em vista a demarcação e a exigência de um papel rígido em relação à atuação no mundo e o lugar que uma mulher deve ocupar na sociedade. O filme foi escolhido, pois apresenta os diferentes sintomas da depressão encontradas não só na apresentação pessoal dos personagens, mas na ambientação de cada história.

Será, então, realizada a análise do filme, uma vez que suscita e estabelece com os autores uma transferência e a possibilidade de associação livre e desdobramentos teóricos. Nessa perspectiva, o estudo procura identificar, demonstrar e comentar o depressivo e o melancólico em uma das personagens do filme de Stephen Daldry. Cada personagem permite reflexões em relação à depressão, melancolia e ao ato suicida. A singularidade de cada história e cada mulher permite debates e diferenciações entre as épocas e as conquistas do movimento feminista. Neste sentido, vislumbramos a construção de diálogos que possibilitem desdobramentos e entrelaçamentos das temáticas a partir de recortes e associações com o filme.

A presente pesquisa trata-se da análise de um filme, que apresenta os três temas abordados no trabalho. Serão analisados artigos e livros para se ter uma base sobre o significado de cada termo. Nos capítulos seguintes, buscou-se discutir assuntos importantes para a contextualização dos assuntos abordados, entre eles: aspectos históricos e contextuais do suicídio, da depressão e da melancolia; pressupostos teóricos da psicanálise acerca dos assuntos. Por fim, são apresentadas as considerações finais, com a discussão sobre os resultados da análise.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Suicídio

De acordo com Croce e Croce (2012), o suicídio é como uma deserção voluntária da própria vida; é a morte, por vontade e sem constrangimento, de si próprio. Suicida é todo aquele que deliberadamente consuma a própria morte; é o que destrói, livremente, a própria vida. Qualquer tentativa de suicídio deve ser analisada, devendo ser encarada como se fosse o próprio suicídio e requer tratamento com profissional apropriado da saúde mental.

O comportamento suicida pode estar relacionado com a presença de determinadas características, como agressividade, impulsividade, ambivalência e retraimento; além da relevância de antecedentes familiares, indicando sinais de alerta para a presença de ideação suicida. Nos aspectos interpessoais e de vínculos, encontram-se questões destrutivas presentes na dinâmica familiar, muitas vezes conturbada, as dificuldades de comunicação durante uma crise depressiva e, finalmente, os tipos de despedidas comumente utilizadas pelos suicidas (SILVA, 2009, BARBOSA; MACEDO; SILVEIRA, 2011).

Na obra freudiana ‘Sobre a psicopatologia da vida cotidiana’(1901/1996) encontramos tentativas inconscientes de suicídio encobertas sob a forma de acidentes ou atos cotidianos que passam despercebidos pela grande maioria da população. Podemos observar, por exemplo, a automutilação como um fenômeno que de destaque na contemporaneidade que explicita o sofrimento psíquico e a angústia de um sujeito, em especial uma expressão de dor psíquica de adolescentes. Desta forma, Freud (1901/1996) alerta para a participação do inconsciente em nossa vida cotidiana, nenhum ato é isolado ou se encontra fora do domínio e dos atravessamentos do aparelho psíquico. Segundo Freud (1901/1996), os ferimentos produzidos pelo próprio sujeito são produtos de uma formação de compromisso entre a pulsão de autodestruição e as forças que ainda se opõem à sua livre manifestação no consciente. Ou seja, resultam de uma luta entre o impulso inconsciente, que acaba insistindo, e a barreira consciente que resiste.

A pessoa que apresenta como um elevado sofrimento psíquico, em que nenhuma das alternativas ou possibilidades da vida são compreendidas como uma saída viável para a extinção da dor e da angústia pode encontrar no pensamento suicida e na passagem ao ato a tentativa de aniquilar seu sofrimento. Alguns sujeitos podem atuar de forma súbita e repentina, entretanto, encontramos casos em que o ato ocorre após a emissão de sinais e pedidos, muitas vezes sutis, de ajuda. O suicídio representa o sofrimento intenso que não encontrou ressonância e nem escuta em outros espaços e sujeitos. Um sujeito que não conseguiu mais enxergar e escutar possibilidades de elaboração de suas tristezas.

Em alguns de seus escritos, Freud (1920/1969) nos traz a noção de pulsão de morte, que representa a tendência fundamental de todo ser vivo a retornar ao estado inorgânico. A pulsão de morte manifestar-se-ia em contraposição à pulsão de vida. Haveria, portanto, em todo sujeito, uma tendência para a morte irremediavelmente cumprida. O que fica claro é que essa tendência é interna para este sujeito, isto é, resultado de um esforço do próprio sujeito de retornar a este estado original inorgânico e não dos fatores externos a ele.

No entanto, Freud (1920/1996) diz que temos, também, as pulsões de vida, sugerindo que as mesmas teriam a função de garantir que o organismo seguirá o seu próprio caminho para a morte, afastando todos os modos possíveis de retornar à nossa existência inorgânica, que não sejam aqueles do próprio organismo. O papel principal dessas funções seria o de não abreviar a morte, lutando para que “não nos matemos” (FREUD, 1920/1996, p. 150), mas que “morte natural nos mate” (FREUD, 1920/1996, p. 151).

Carvalho (2014), em um estudo sobre a visão da psicanálise frente ao suicídio, discute que o ato de tirar a própria vida representa, para o sujeito, o último recurso, uma espécie de luz no fim do túnel, capaz de tirar o indivíduo da dor quando esta se mostrar insuportável. O autor ainda complementa:

O homem suporta a vida pela possibilidade que dispõe de matar-se. A morte é o que torna a vida possível. A vida é real e a morte simbólica, e se o real é impossível, viver é o exercício da impossibilidade. E o suicídio é uma

escolha capaz de dar um significado à vida quando ela chega ao limite da impossibilidade (CARVALHO, 2014, p. 145).

A seguir, apresentamos a definição de Depressão.

2.2 Depressão

Depressão foi um termo utilizado pela primeira vez nos dicionários médicos em 1860 para caracterizar o estado de desânimo e/ou a perda de interesse pelo mundo, dito de outro modo, a diminuição do ânimo de pessoas que sofriam desse transtorno. Depressão é comumente associado à melancolia, entretanto, há uma diferenciação dos conceitos e transtornos desde a antiguidade clássica e a depressão ganha destaque na contemporaneidade, sendo reconhecida como o mal do século (GONÇALVES; MACHADO, 2007).

O termo depressão não é um conceito especificamente próprio da teoria psicanalítica, e sim, encontraremos sua origem no campo psiquiátrico. No entanto, a psicanálise desenvolveu e aprofundou este termo em suas análises e é possível um entrelaçamento entre a depressão e a dinâmica e vida psíquica relacionado também ao inconsciente. Do ponto de vista psicanalítico, a depressão ocorre como um empobrecimento da vida anímica, em decorrência das decepções e frustrações com seus objetos e sujeitos. Entre as diversas formas clínicas da depressão, a melancolia chamou a atenção de Freud, e se tornou objeto de um importante estudo metapsicológico, publicado em 1917, com o título: “Luto e Melancolia”. O pai da psicanálise demarcou tais conceitos no registro da perda, preocupando-se em compreender a maneira como cada sujeito pode reagir psiquicamente ao luto, destacando as mais diversas elaborações e remanejamentos psíquicos frente à morte do objeto libidinalmente investido. A dificuldade em elaborar perdas e vivenciar um luto se relaciona à melancolia e à depressão.

Há uma diferença entre a perda do sujeito melancólico e a perda do sujeito depressivo, pois um sujeito depressivo denuncia a perda do um dia ele foi, a perda de si mesmo, é possível caracterizar e descrever o elemento perdido. Esse vazio ao qual se referem os sujeitos deprimidos é o vazio de não realizarem os ideais inerentes da nossa cultura, uma cultura que determina um superinvestimento no eu, no consumo, na aparência. Moreira (2002), Berlinck e Fédida (2000) propõem que a culpa e o conflito são elementos diferenciadores da melancolia. Na depressão, o conflito não se dá entre o ego e o superego, daí a ausência de culpa. O conflito psíquico na depressão aparece entre o Eu e os Ideais do Eu.

O psicanalista Delouya (2010) conceitualiza a depressão como um estado afetivo de privação, em que o sujeito é privado das “qualidades e figuras singulares que animam e dotam o afeto de sua especificidade” (p.15). A depressão adquire um roteiro similar ao da angústia. A escala de suas manifestações articula-se ao estado originário de desamparo, enquanto função de alerta ou sinal de perigo, que exige ou que põe em movimento, um

trabalho com uma situação desfavorável, advinda das pulsões ou do mundo no qual o sujeito vive. Compreende-se o âmbito das manifestações da depressão – se esta se articula ao estado de desamparo – nos diferentes contextos de sentido que estruturam o conflito nos vários quadros psicopatológicos (DELOUYA, 2010).

2.3 Melancolia

Freud (1917/1996) traz a concepção de melancolia como tendo três pré-requisitos: a perda do objeto, ambivalência e regressão da libido de volta ao eu. O autor ainda afirma que o melancólico exibe “[...] uma diminuição extraordinária de sua autoestima, um empobrecimento do seu ego em grande escala, no luto é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego” (FREUD, 1917/1996, p. 30). Neste sentido, a insatisfação com o Eu é a característica mais marcante.

De acordo com o autor (1917/1996), as mais variadas e violentas autoacusações do sujeito melancólico dificilmente se aplicam a ele próprio, mas se ajustam a alguém que ele ama, amou ou deveria amar. As auto-recriminações são interpretadas como deslocamentos para o próprio, ou seja, a confusão entre o Eu e o objeto amado na medida que o sujeito se confunde com o objeto perdido. Freud (1917/1996) ainda menciona que se pode pensar na melancolia como relacionada a uma perda objetual retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda. O sujeito melancólico não pode, conscientemente, perceber o que perdeu. Segundo Freud (1917/1996, p. 250),

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição.

Todos esses sentimentos vão, muitas vezes, corroendo o sujeito melancólico, impedindo de ver que existe vida além do seu sofrimento e trazendo pensamentos suicidas para somente acabar com aquele sofrimento. O sujeito passa a transpor a culpa por ter sido o causador da perda e, para se redimir desta perda, passa a se automutilar como forma de punição a si próprio. Desta forma, destacamos um elemento essencial no quadro clínico: as auto-recriminações. A auto-recriminação deriva de um deslocamento, dito de outro modo, uma injúria proferida para o objeto amado agora se torna uma palavra para o Eu. (FREUD, 1917/1996).

Segundo Pinheiro, Quintella e Verztman (2010), verifica-se que na melancolia a perda é recusada e, através da identificação narcísica, o melancólico mantém o objeto dentro de si. A perda do objeto seria o ponto de partida para se ter uma compreensão da melancolia e do suicídio, mostrando, assim, que o suicídio só poderá ser possível se o Eu começar a tratar a si mesmo como objeto e o Supereu investir toda a sua hostilidade contra o Eu identificado com o objeto perdido.

A melancolia é uma neurose narcísica, caracterizada por um conflito entre o Eu e o Supereu e que pode assumir formas diversificadas de representação clínica (MENDES; VIANA; BARA, 2014). O sujeito melancólico sofre, pois tem uma baixa narcísica ao perder o objeto de amor. Em função desta perda, observa-se um abandono infantil por algum membro importante para esse sujeito, então ele precisa retornar ao tempo em que se sentia narcisicamente completo, sendo o objeto do desejo materno, o Eu Ideal.

A melancolia se encontra relacionada à perda de um objeto libidinalmente investido, entretanto, o sujeito melancólico não sabe o que perdeu, apenas pode sentir a perda, não é possível distinguir o que perdeu. A perda não se encontra apenas no objeto em si, mas em todos os laços, sentidos, afetos que a relação entre o sujeito e o objeto podem proporcionar. Neste sentido, observa-se uma maior desorganização e impacto em relação ao processo de elaboração do luto (GODOI; GOMIDE, 2013).

Freud em “Pulsões e destinos da pulsão”, de 1915, mostra a existência de dois tipos de objetos. O primeiro é caracterizado como o objeto pulsional, ou seja, “aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é um elemento mais variável na pulsão [...]. Em rigor, não é preciso ser um outro objeto externo, pode ser muito bem uma parte de nosso próprio corpo” (FREUD, 1915/1996, p. 149). Sendo assim, o objeto da pulsão pode se tratar de um objeto parcial, a exemplo do seio materno, uma pessoa ou um objeto fantasmático.

O segundo tipo de objeto é definido como objeto de amor, em que a pessoa total, ou a instância do Eu, vai se relacionar com um objeto visado em sua totalidade, estando os sentimentos de amor e ódio presentes nesta relação. Pode se tratar de uma pessoa, de uma entidade ou de um ideal. A diferenciação da noção de objeto se faz, principalmente, em virtude dos sentimentos de amor e ódio não estarem presentes na relação da pulsão com os objetos.

Conforme já explicitado, no estado melancólico, o Eu se identifica com o objeto perdido, tornando-se o próprio objeto introjetado e, conseqüentemente, alvo do Supereu. Desfaz-se, então, o laço melancólico com o mundo. A partir disso, Freud (1920/1996) mostra que há uma retirada da pulsão sexual, que não tem mais nenhuma ligação objetual, permanecendo fechada no interior do eu, alimentando apenas o laço do amor perdido. A melancolia se torna, portanto, prisioneira da pulsão de morte, destituindo o sujeito de todos os laços com os objetos e a vida.

3 | METODOLOGIA

A investigação é de caráter bibliográfico-exploratório, embasada na teoria psicanalítica freudiana e pós-freudiana, que se relaciona à produção cinematográfica. A partir das discussões sobre depressão, melancolia, suicídio e o seu contexto histórico, a pesquisa é elaborada para uma análise entre a produção cinematográfica e a psicanálise

extramuros. Segundo Herrmann (2004), as pesquisas psicanalíticas, sejam clínicas, em extensão ou, até mesmo, teóricas, têm em comum o método interpretativo. A pesquisa psicanalítica é descrita por seu objeto, que é inconsciente, por seu método, que é a interpretação, e pela associação-livre e demais formações inconscientes, como os atos-falhos, chistes, sonhos e sintomas.

Apresentamos, ao leitor, a teoria psicanalítica e seu método psicanalítico, baseado na associação livre, desenvolvida por Freud, e aplicado, quando possível, o desenvolvimento da clínica psicanalítica.

Não dispomos de outra espécie de prova além desse ensaio; conversas e perguntas durante a sessão, mesmo que frequentes e prolongadas, não poderiam substituí-lo. Mas esse ensaio preliminar já é o começo da análise, e deve seguir as regras da mesma. Talvez se possa distingui-lo por deixarmos o paciente falar, sobretudo, e lhe darmos apenas os esclarecimentos que forem indispensáveis à continuação de sua narrativa (FREUD, 1911/2011, p.124)

Para falar sobre produções cinematográficas e a psicanálise, é necessário debater sobre a psicanálise e a pesquisa. Desta forma, apresentamos a psicanálise extramuros. Para Rosa (2004, p. 331) “a psicanálise extramuros diz respeito a uma abordagem de problemáticas que envolvem uma prática psicanalítica, que aborda o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico”. Assim, pode-se entrar no contexto dos filmes e analisá-los, pois não estamos diante de um atendimento na clínica e/ou da transferência de um paciente. Rosa e Domingues (2010. p. 180) afirmam que

A psicanálise porta uma dimensão própria de sujeito e de objeto, a qual constitui o seu método específico de pesquisar e em que o desejo do pesquisador faz parte da investigação e o objeto da pesquisa não é dado a priori, mas sim produzido na e pela investigação. Pautada pela dimensão do enunciado e da enunciação do discurso, a pesquisa psicanalítica produz conhecimento interceptando a transmissão de dogmas e de idealizações, mediante o conhecimento de uma série de contextos e histórias, acrescido de articulações fora da história oficial.

A pesquisa em psicanálise vai além do consultório e pode passar ao espectador intenções e dúvidas do autor da pesquisa. A pesquisa realizou-se conforme as características da investigação em psicanálise, que, segundo Poli (2005), se diferencia dos instrumentos e técnicas de produção de conhecimento utilizados nas ciências positivistas. Na pesquisa em psicanálise, temos a psicanálise extramuros, que reflete sobre a responsabilidade social frente à sociedade, e a cultura, que implica do psicanalista um olhar para intervir nas esferas sociais e o fazer do psicanalista fora do consultório.

O artigo tem o objetivo de explorar a temática sobre o suicídio, depressão, melancolia e entrelaçar a teoria psicanalítica com o filme em análise. A pesquisa na psicanálise extramuros faz com que a identidade e os desejos dos autores apareçam na investigação.

Disso se diferenciam as pesquisas em psicanálise com o método

psicanalítico”, em que a exigência de presença do psicanalista enquanto psicanalista é incontornável, embora seus temas e alcances possam ser bastante amplos. Pesquisas em psicanálise com o método psicanalítico podem ter como alvo, processos socioculturais e/ou fenômenos psíquicos transcorridos e contemplados fora de uma situação analítica no sentido estrito, embora também aí se constate uma dimensão clínica e se observem efeitos terapêuticos (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006. p. 259, grifos no original).

O que se sabe é que o inconsciente faz parte do ser humano e, por assim dizer, pode se tornar o objeto de estudo da psicanálise. Com isso, o processo analítico é uma condição para a investigação em psicanálise. Esse processo é baseado na situação de alguém que fala e um outro que escuta, quando se estabelece a transferência e a repetição (BIRMAN 1993 *apud* VIOLANTE, 2000).

A fim de tornar acessível essa discussão da pesquisa e da associação ao filme, é apresentada, ao leitor, a análise da personagem Richard Brown e a sua relação com a teoria psicanalítica. Ou seja, a partir da psicanálise extramuros, da escuta e da atenção fluante, possibilitadas pelas produções cinematográficas, são analisados e discutidos tópicos sobre o tema do artigo.

4 | AS HORAS: ENREDO DO FILME

O filme ‘As Horas’ é uma história baseada em uma produção literária de Michael Cunningham. As personagens centrais do livro, e consequentemente do filme, são: Virginia Woolf, Laura Brown e Clarissa Vaughan. A história se desenrola em diferentes períodos de tempos e épocas, porém, observamos questões e problemáticas semelhantes. As três personagens apresentam a falta de pertencimento ao mundo e a rigidez do papel feminino determinado pela cultura de cada época, contexto social e político. A vida cotidiana instiga um olhar atento, o café da manhã, flores e a cozinha inquieta e provoca reflexões.

O telespectador é convidado a acompanhar um dia na vida de cada uma dessas três mulheres. ‘Mrs. Dalloway’ é o livro em que as três personagens se entrelaçam e se encontram. Cada personagem pode se identificar com o drama de uma existência trágica. Há uma mulher que deseja ser personagem da literatura e dos romances, uma mulher que deseja ser escritora e uma mulher que vive a própria história. Encontramos no primeiro momento, em 1923, Virginia Woolf escrevendo seu mais famoso livro, um processo sublimatório capaz de transbordar seus conflitos e angústia para o papel. Em especial destacamos o suicídio, o filme explicita os momentos de sofrimento psíquico intenso e os dilemas da personagem em sua vida particular, familiar e social. O segundo momento ocorre em 1949 com a história de Laura Brown, esposa de um herói de guerra, grávida de um segundo filho e mãe de Richie, um menino de cinco anos. A gestação e os sentimentos decorrentes da maternidade são apresentados como artificiais, apesar da tranquilidade e da felicidade aparente, a personagem se sente vazia e denuncia pensamentos de morte

para fugir de um cotidiano medíocre e sem graça. Laura é leitora assídua de Virginia Woolf. Essa personagem tem uma família e uma vida comum, aparentemente sem conflitos, o que pode afastar qualquer hipótese de motivo externo atual para a depressão retratada. Seu marido está de aniversário e, como esposa, embora desanimada, Laura sente-se obrigada a lhe preparar uma surpresa. O filho aflito percebe e acompanha o sofrimento da mãe. O terceiro momento do filme narra a história de Clarissa, que organiza uma festa para Richard em homenagem à uma premiação literária. Clarissa e Richard foram amantes na adolescência e sustentam um laço fraterno até os dias atuais. Os sentimentos dessa mulher são retratados em seus cuidados e visitas cotidianas ao amigo. Este momento promove algumas reflexões e o desperta de lembranças em Clarissa. Richard se encontra doente e constantemente faz menção ao suicídio. Em apenas um dia, várias e intensas situações são dramatizadas por estes personagens.

5 | ANÁLISE DO FILME

Dentre as possibilidades de análise e desdobramentos dos elementos apresentados pelo filme, nosso trabalho delimita uma escuta e interpretação em um tempo e uma época. Foi-se escutado a história de Richard Brown ou também conhecido como Richie, personagem do filme 'As Horas', que se passa no ano de 1949, na cidade de Los Angeles e, na fase adulta, a personagem é representada no ano 2001, na cidade de Nova York. Richard, aos três anos de idade, mora com o pai, Dan, e a mãe, Laura Brown. Com o desenrolar do filme, é possível observar que Laura não acredita em si mesma, sentindo-se incapaz, inferior, sentindo-se, também, feia e velha em relação à figura do marido. Durante a análise, a história da mãe e do filho se entrelaçam e encontramos elementos de discussão que perpassa a melancolia, a depressão e o suicídio.

Laura, a mãe de Richard, é uma simples dona de casa, grávida do segundo filho, que apresenta um intenso desânimo e tristeza para sair da cama, limpar e organizar a casa, de sua vida, do filho. Podemos observar e ilustrar essa dinâmica na cena em que ela está acordando de manhã no dia do aniversário de seu esposo. Neste recorte, Dan chega em casa mais cedo, traz flores, observa a esposa dormindo no quarto. Laura, apesar do tocar do despertador, ainda se mantém deitada, com uma respiração profunda e pesada demonstra desânimo em escutar o marido na cozinha.

Para Freud, em "Luto e Melancolia" (1917/1996), a perda do interesse pelo mundo exterior e desinteresse por qualquer tipo de atividade fazem parte do universo psíquico do sujeito que sofre o processo de luto após uma perda. O sujeito deixa de investir na realidade externa e vive, unicamente, a relação interna que mantém com o objeto, até que, pelo trabalho de luto, possa se desvincular do objeto perdido. Desta forma, entendemos que Laura apresenta uma fragilidade do Eu, um empobrecimento egóico que torna Laura uma 'mãe morta'.

A cena em que o quarto é invadido pela água e Laura permanece deitada na cama é uma excelente metáfora para a dinâmica psíquica inconsciente explícita por Ferreira (2007). Laura deseja se matar e constantemente o telespectador é convidado a compartilhar a sutileza e intensidade do pensamento suicida de Laura em seus silêncios, assim como a angústia no olhar de Richard. Laura promove um diálogo apresentando seu amor à vida e ao filho, sua morte também ocasionaria o despedaçamento da história de Richard. A morte dessa mulher também poderia representar a morte de seu esposo, filho, familiares, amigos e colegas. A autora ainda aponta que o que a personagem não consegue compreender é que o seu pensamento suicida já promove efeitos em seu filho. Richard já vive o abandono, tem em seu cotidiano uma mãe desanimada e apagada. A potência de vida desse filho é abalada com as sombras dessa mãe.

A perda sofrida é pela falta do investimento narcísico da mãe. Esta situação faz alusão à teoria freudiana sobre o funcionamento psíquico na constituição do princípio do prazer: a criança não procura na realidade externa um objeto real para a sua satisfação, mas um objeto fantasiado para convencer-se de que o objeto primário está lá. Baseando-nos nessa teoria, podemos inferir que, para Richard, a perda real da mãe, como no caso do suicídio de Laura, não seria o fator responsável pela sua catástrofe psíquica, o trauma da perda seria pela impossibilidade da satisfação libidinal vivida por uma falta de investimento narcísico da 'mãe morta'. (FERREIRA, 2007, p.123)

Destacamos como efeito da relação entre Richard e Laura a constituição de um homem incapaz de manter e promover relações amorosas duradouras, há sempre um vazio e uma melancolia que inviabilizam o estabelecimento de um romance, laço afetivo, cumplicidade e compartilhamento. Richard, assim como a mãe, se encontra impossibilitado de demonstrar amor.

Concordamos com Ferreira (2007) quando destaca que Richard enquanto criança amava a mãe, porém, apresentava uma falta em decorrência da fragilidade do investimento materno. A vida de Richard se entrelaça à vida da mãe, assim como conceitualmente a melancolia freudiana se apresenta, objeto e Eu se confundem. O personagem em várias cenas acompanha a vida cotidiana da mãe, seus afazeres, circulação, e em caso de algum descompasso, Richard se apavora e é tomado por uma intensa insegurança. “Richard está sempre à espera do olhar e palavra de sua mãe, o que raramente tem e, quando tem, é sempre de uma forma distante, como se ele não estivesse presente, como se fosse nuvem e pudesse ser atravessado pelo olhar materno.” (FERREIRA, 2007, p.116-117)

Richard permanece sem nenhuma resposta às suas questões em torno do olhar e do amor materno, o garoto permanece sem compreender a fragilidade do amor da mãe, o que nos faz associar sobre sua história na vida adulta. Richard Brown, no ano de 2001, mora em Nova York. O personagem é um poeta, que é portador da AIDS e se encontra em um estado avançado da doença. Sua aparência física é desleixada e debilitada. Isolado em sua residência permanece a grande parte dos dias, escuridão pelas janelas fechadas causam

a penumbra no apartamento. Um contexto físico que nos faz associar a dimensão psíquica. O aspecto físico da residência de Richard nos permite entrelaçar ao seu universo psíquico. Neste sentido, projeto no apartamento encontramos as sombras, a morte, a escuridão e o vazio. Relembramos as mensagens sutis e muitas vezes despercebidas dos sujeitos que cometem o suicídio. O ambiente físico como um elemento de expressão do sofrimento, desorganização psíquica, e no caso do personagem Richard, do vazio e da morte.

Richard apresenta um processo destrutivo, próprio da melancolia, o personagem ao demonstrar seu completo desapego à vida recusa os alimentos e a medicação, assim como é possível facilmente observar que os aspectos relacionados à higiene e aos cuidados básicos da vida são negligenciados por Richard. Destacamos novamente os efeitos da relação entre mãe e filho, elementos básicos de cuidado e autopreservação estão fragilizados na história dos personagens. Há uma constante autodepreciação, desinteresse pelo mundo e a suspensão de atividades essenciais para manutenção da vida, características típicas do sujeito melancólico. (FREUD, 1917/1996)

Richard se torna um escritor na vida adulta, há uma associação e conexão possível entre o desejo da mãe e a profissão do personagem. Quem sabe a possibilidade desse filho traduzir e tentar captar o olhar materno através do objeto que encanta a mãe.

Richard percebe que a mãe admira Mrs.Dalloway e fica reclusa, preferindo a leitura à sua presença. Compreende-se que Richard fantasia que a literatura, no caso Mrs.Dalloway, é o objeto do desejo da mãe, portanto o seu rival. O que fazer nessa situação para chamar a atenção da mãe e ganhar a disputa? Richard se torna, então, um poeta e escritor renomado. (FERREIRA, 2007, p.130)

O campo da escrita e da literatura pode ter transformado e possibilitado até certo momento algum tipo de elaboração e espaço psíquico para Richard se abrigar. O personagem pode ter encontrado nas letras e nas palavras um refúgio para suas angústias e um processo sublimatório capaz de produzir arte e laço com o social.

O compreendemos é que, para Richard, inconscientemente, ser escritor é também uma possibilidade de atingir o Ideal do Eu, já que para a mãe a literatura tem um valor inestimável, uma vez que pode viver a vida dos personagens para se refugiar da sua própria vida. A Psicanálise nos mostra que o sujeito narcisicamente fragilizado utiliza-se, inconscientemente, do processo de identificação para adquirir os atributos do outro e, assim, sentir-se valorizado. (FERREIRA, 2007, p.131)

O contexto em que Richard vive explicita os dilemas e questões relacionadas à sua mãe e à sua infância, dito de outro modo, a impossibilidade de realizar o luto de uma mãe (ainda viva), porém, com uma precariedade de investimento no filho, torna o personagem um sujeito melancólico. Richard e Laura se confundem, o vazio da mãe se entrelaça ao vazio do filho. Apesar do esforço e das tentativas de Clarissa em proporcionar qualidade de vida ao amado, Richard é incapaz de manter um laço amoroso, inclusive consigo próprio. Recusa os alimentos, a medicação, o prêmio de reconhecimento de seu trabalho. Não é

mais possível se reconhecer. Assim como sua mãe, Richard já se sente morto. Quem é Richard e quem é sua mãe? Quando um começa e quando o outro termina?

Para Richard, receber um prêmio pela sua criação literária pode significar, inconscientemente, receber um prêmio pela sua capacidade psíquica infantil de inventar fantasticamente a mãe. As autoacusações continuam. Richard considera que o prêmio lhe é dado por piedade, pelo fato de ter Aids, de ter ficado louco e, mesmo assim, manter a coragem perante a insanidade, que ganhou o prêmio por sobreviver. (FERREIRA, 2007, p.140)

Nas cenas finais do filme encontramos Richard intensamente desanimado, admirando a imagem de sua mãe, envolvido em recordações da infância. Neste momento é possível associar a criança e o adulto, o filho de Laura ao homem Richard. O olhar vazio da criança se transforma no olhar do homem adulto sem esperança. Na eminência de ser reconhecido por sua obra, o personagem se atira pela janela. Ferreira (2007) apresenta uma interpretação que nos faz pensar na confusão sujeito e objeto na melancolia. Matando-se, Richard também matava a mãe (que lhe habitava). Richard só é capaz de enxergar uma saída para seu sofrimento e seu conflito psíquico, a morte.

6 | CONCLUSÃO

O tema do suicídio evoca alguns questionamentos e problematizações: O que faz com que um sujeito não consiga mais enxergar outras e novas possibilidades e saídas para seu sofrimento? Desta forma, destacamos que o ato suicida pode representar a saída para o intenso e insuportável sofrimento psíquico. Sofrimento apresentado na clínica psicanalítica tanto em ato como em palavra. Sendo assim, o presente trabalho aborda movimentos e dinâmicas cotidianas da clínica psicanalítica: o pensamento suicida, a depressão e a melancolia.

O entrelaçamento da teoria psicanalítica ao cinema, a partir da psicanálise extramuros, nos permitiu avançarmos em concepções de uma psicanálise que não se restringe ao consultório particular. A compreensão da subjetividade e a possibilidade de uma escuta se faz presente nos mais diversos fenômenos da cultura e da arte. No caso específico, o filme “As Horas” possibilitou aos pesquisadores uma escuta e interpretações relacionadas ao personagem Richard Brown e as dinâmicas inconscientes.

No desenvolvimento do presente artigo, a análise da constituição do personagem Richard, a partir das marcas e do traumático proveniente da fragilidade da relação com a figura materna, permite vislumbrarmos elementos essenciais do manejo e da condução do caso clínico em tais situações, tendo em vista que a história do personagem explicita uma trama e romance familiar, assim como o cuidado e o alerta constante no risco de suicídio. É imprescindível um olhar para a intensidade do sofrimento psíquico apresentado pelo nosso personagem e por todos os pacientes que denunciam e nomeiam seus sofrimentos em nossas clínicas. O percurso em torno da depressão e da melancolia objetiva promover

maiores elementos para produção de uma clínica capaz de permitir a escuta do sujeito do inconsciente. Acolher a singularidade e desenvolver estratégias capazes de elaborações dos conflitos psíquicos é o nosso ofício.

Mesmo que a depressão ou a melancolia possam estar presentes no suicídio, o que pretendemos elucidar com este estudo é que, independentemente do tipo de situação vivida pelo sujeito, se faz importante buscar a singularidade dos conflitos psíquicos desse sujeito. Em razão disso, e para finalizar as discussões, trago à tona a reflexão sobre a importância da escuta, na clínica psicanalítica, do sofrimento psíquico que permeia a fala dos pacientes sobre os desejos de se matar e, também, das suas tentativas de suicídio.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Liz Maria Almeida de. Depressão: O Mal do Século. **Psicologado**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 10-23, 2013. Disponível em <https://psicologado.com.br/psicopatologia/transtornos-psiquicos/depressao-o-mal-do-seculo>. Acesso em: 24 set. 2020.

BARBOSA, Fabiana de Oliveira; MACEDO, Paula Costa Mosca e SILVEIRA, Rosa Maria Carvalho da. Depressão e o suicídio. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 1-15, jun. 2011.

BERLINCK, M. T.; FÉDIDA, P. A clínica da depressão: questões atuais. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 9-25, jun. 2000.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. Uma perspectiva psicanalítica sobre as depressões na atualidade. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina: v. 7, n. 2, p. 22-44, dez. 2016.

CARVALHO, S. **A morte pode esperar?** Clínica psicanalítica do suicídio. Salvador: Associação Campo Psicanalítico, 2014.

CARVALHO, Daura Cândida Pereira; ASSIS, Maria de Fátima Pessoa de. A depressão na clínica psicanalítica: ressonâncias da atualidade. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia: vol. 20, n. 2, p. 153- 71, jul. 2016.

CROCE, Delton.; CROCE, Delton Junior. **Manual de medicina legal**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

DELOUYA, Daniel. **Depressão: Clínica Psicanalítica**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2010.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 20-39, jun. 2006.

FERREIRA, Maria Cristina da Silva. **Suicídio, da identificação com a mãe morta ao resgate narcísico**: um estudo psicanalítico do personagem Richard Brown do filme As horas. 2007. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2007.

FREUD, Sigmund. (1914). Luto e melancolia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 144.

FREUD, Sigmund. (1917). Luto e Melancolia. In: HANNS, Luiz Alberto (Org.). **Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**, v. 2, Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 99-122).

FREUD, Sigmund. (1913 [1911]). Sobre a Psicanálise. In: **O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1970. p. 263-270. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XII).

FREUD, Sigmund. (1923 [1922]). Dois verbetes de Enciclopédia. In: **Além do princípio de prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 285-312. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XVIII).

FREUD, Sigmund. O eu e o Id “autobiografia” e outros textos.1923-1925. In: **Obras Completas**, v. 16, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1924) O problema econômico do masoquismo. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, (Trad. Jayme Salomão), v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 177-188.

FREUD, Sigmund. (1920). Além do Princípio de Prazer. In: HANNS, Luiz Alberto (Org.). **Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. v. 2, Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 63-77

FREUD, Sigmund. (1925). **Inibições, sintomas e ansiedade**. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1895). Manuscrito G. Melancolia. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 1, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 246-253

FREUD, Sigmund. (1915) Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte. In: FREUD, Sigmund. **A História do Movimento Psicanalítico**, v. 14, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. (1930). O mal-estar na civilização. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 81-178.

FREUD, Sigmund. (1911). O início do tratamento. In: **Obras Completas**, v. 10, São Paulo: Companhia das Letras. 2011. p. 163-192

GODOI, Bernardo Sollar; GOMIDE, Renata Viana. MASOQUISMO MORAL E MELANCOLIA: RELAÇÕES COM O SUICÍDIO. **Anais V Simpac**, Viçosa-mg, v. 5, n. 1, p. 417-420, dez. 2013.

GONÇALVES C. A. V.; MACHADO A. L. Depressão o mal do século: De que século? **R Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 298-304, abr-jun. 2007.

GREEN, André. A mãe morta. In: GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988. p. 239-73.

MENDES, Elizaine Domingues; VIANA, Terezinha de Camargo and BARA, Olivier. Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico. **Psic.: Teor. e Pesq. [online]**, v. 30, n. 4, p.423-431, 2014.

MOREIRA, Ana Cleide Guedes. **Clínica da melancolia**. – São Paulo: Escuta, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates**. Genebra. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo**. ONUBR – Nações Unidas no Brasil, 12 set. 2016.

PALHARES, Patrícia Almeida; BAHLS, Saint-Clair. **O suicídio nas civilizações: uma retomada histórica**. 2003. Disponível em: <http://www.aperjrjio.org.br>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PINHEIRO, Maria Teresa da Silveira; QUINTELLA, Rogerio Robbe; VERZTMAN, Julio Sergio. Distinção teórico-clínica entre depressão, luto e melancolia. **Psicologia Clínica**, [s.l.], v. 22, n. 2, p.147-168, 2010.

POLI, Maria Cristina. **A Clínica da Exclusão: a construção do fantasma e o sujeito adolescente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

ROCHA, Priscila Gomes; LIMA, Deyseane Maria Araújo. Suicídio: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 323-344, ago. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652019000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2020.

ROSA, Miriam. DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, Minas Gerais. v. 22, p. 180-188, 2010.

ROSA, Miriam. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

RUDGE, Ana Maria. As teorias do sujeito contemporâneo e os destinos da psicanálise. In: RUDGE, Ana Maria (org). **Traumatis**. São Paulo: Escuta, 2006. p. 11-21.

SILVA, Ariane. **Representações sociais da saúde, doença e corpo**. (2009). Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) UCDB - Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, MS, 2009. 117 f.

TELLES, Sérgio. **O psicanalista vai ao cinema**. Casa do Psicólogo: São Paulo: EdUFSCar, 2004.

VELASCO, Paulo Miguel. **Depressão e transtornos mentais**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. Pesquisa em Psicanálise. In: **Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, EDUC, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aceitação e compromisso 110

Acolhimento 21, 29, 32, 34, 35, 38, 39, 47, 48, 54, 55, 57, 141, 166, 197

Adoecimento psíquico 76, 78

Adolescência 5, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 69, 79, 148, 158

Amadurecimento 1, 2, 4, 5, 7, 21, 25, 27, 28, 30, 36, 37, 38, 39

Apoio 126, 129, 134, 136

Aprendizagem 9, 25, 78, 80, 81, 92, 94, 114, 119, 127, 183, 184, 185, 186, 187, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206

Atividade física 15, 79, 120, 121, 122, 123, 125

C

Calidad de vida 126, 129, 131, 132, 136, 138, 140

Cognição 12, 92, 183, 199

Comportamento antissocial 9, 10, 13

Conjugabilidade 152

Constituição psíquica 3, 43, 45, 46

Crenças nucleares 110

Crianças 3, 4, 10, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 39, 79, 81, 93, 114, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 158, 159, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190

Criatividade 9, 13, 14, 17, 18, 19, 21, 23, 27, 35, 37, 39, 95, 143, 144, 198

D

Depressão 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 78, 80, 111, 118, 119, 169, 170

Desarrollo de la capacidad 126

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 5, 10, 11, 12, 14, 17, 18, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 36, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 57, 67, 72, 76, 77, 81, 82, 83, 110, 113, 114, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 141, 142, 143, 144, 148, 152, 153, 154, 157, 158, 159, 160, 173, 183, 184, 185, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209

Determinante social 76

Distorções cognitivas 110, 111, 116

Divórcio 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162

E

Efeitos da separação 152

Emoções 5, 24, 101, 102, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 143, 149, 169, 184

Escola 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 29, 58, 60, 89, 91, 122, 127, 148, 161, 183, 185, 194

Escuela inclusiva 126

Existencialismo 101, 118, 169, 172, 176, 177, 178

F

Formação continuada 10, 192, 193, 194, 195, 203, 205, 206

H

Habilidades motoras 121, 122, 123

Hospital 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 89, 164, 180

I

Imperativo hedonista 101, 102, 108

Infantojuvenil 1, 2

Interação social 24, 115, 121, 125

Intervenção 21, 22, 29, 30, 32, 52, 53, 54, 57, 79, 95, 123, 124, 143, 170, 183, 185, 187, 188, 189, 190, 191

M

Melancolia 47, 49, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

O

Objeto-transicional 21

P

Parentalidade 152, 153, 160

Persuasão 84, 85, 93, 94, 96, 97

Pertencimento 18, 62, 68, 110, 111, 173, 198, 204, 205

Presença do analista 51, 57

Processos terapêuticos 84

Proteção social 6, 76, 77, 78, 82, 83

Psicanálise 1, 19, 21, 23, 25, 43, 45, 46, 49, 51, 52, 53, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 90, 118, 209

Psicologia 5, 21, 23, 43, 49, 51, 57, 58, 59, 60, 73, 74, 75, 83, 84, 85, 87, 92, 101, 102, 112,

118, 119, 145, 160, 161, 162, 163, 166, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 190, 192, 193, 194, 195, 203, 205, 206, 209

Psicologia hospitalar 51, 57, 58, 181

Psicossociologia cognitiva 84

R

Relação familiar 1, 2, 3

Relações sociais 7, 84, 112, 115

S

Sedução 84, 85, 96, 98

Sentido da vida 163, 167, 170, 172, 176, 177, 178

Separação conjugal 152, 154, 158, 159, 160, 161

Sono 120, 121, 122, 123, 124, 148

Suicídio 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

T

TDAH 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191

Técnicas terapêuticas 141

Teoria dos schemas 84, 91, 92

Terapia renal substitutiva 163, 164, 165, 181

Transhumanismo 101, 102, 105, 107

Transtorno do espectro autista 21, 22, 23, 24, 120, 121, 123, 125, 185

Trastorno del espectro del autismo 126, 127, 138

V

Vínculo 5, 21, 22, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 81, 86, 89, 114, 157, 170, 173

W

Winnicott 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 35, 36, 37, 39, 40

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

